

LEITURA DELEITE COMO ESPAÇO DE INCENTIVO À LEITURA E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

IDEALIGHTFUL READING AS A SPACE OF MOTIVATION TO READ AND CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

Regilane Gava Lovato

*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
regigava@yahoo.com.br*

Francisca Izabel Pereira Maciel

*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
emaildafrancisca@gmail.com*

Resumo

Em um momento conturbado em que vivemos – 2016 – frente à descontinuidade de ações educacionais bem-sucedidas, é oportuno refletirmos, em especial, sobre um programa de formação continuada de professores alfabetizadores: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Este artigo aborda resultados de uma pesquisa realizada em 2014/15, no município de Castelo/ES, com professoras participantes do PNAIC, desde o ano de 2013, com o objetivo de analisar como as professoras do município de Castelo/ES se expressavam sobre suas práticas e saberes docentes, após a formação. Para a coleta dos dados, utilizamos a análise documental, entrevistas semiestruturadas, anotações das reuniões de planejamentos semanais das professoras alfabetizadoras e pesquisa sobre o PNAIC. Neste texto abordaremos a leitura deleite por ser este um dos conhecimentos adquiridos durante a formação, extremamente destacado pelas professoras.

Palavras-chave: PNAIC. Leitura Deleite. Formação de Alfabetizadores.

Abstract

In a troubled time facing in 2016 – against discontinuity successful educational activities, it is appropriate to reflect in particular on a continuing education program of literacy teachers: (National Pact for Literacy in the Age One) (PNAIC). This article discusses results of a survey held in 2014/15, in Castelo / ES with the participating teachers of PNAIC since the year 2013, in order to analyze how the teachers in Castelo City/ ES were expressed about their practices and teaching knowledge, after that formation. To collect the data, there was used document analysis, interviews semi structured, notes the weekly planning meetings of teachers literacy teachers and research on PNAIC. This paper approaches the enjoyable reading like one of the knowledge acquired during the training, extremely detached by teachers.

Keywords: PNAIC. Enjoyable Reading. Training Literacy.

Introdução

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) foi instituído em 2012, com o objetivo de alfabetizar todas as crianças até os 8 anos de idade e, para isso, contou com um acordo formal entre governo federal, estadual, municipal e o Distrito Federal e com parcerias entre Universidades Públicas e Secretarias de Educação. Para o desenvolvimento do Programa, ocorrido nos anos de 2013, 2014 e 2015, foram necessários quatro eixos de atuação, que são eles: formação continuada dos professores alfabetizadores do 1º ao 3º ano, materiais didáticos e pedagógicos, avaliações e gestão, mobilização e controle social.

O eixo formação continuada objetivou *refletir, estruturar e aprimorar a prática docente*, por meio de propostas de trabalho pedagógico, tais como: atividades permanentes (“leitura deleite”), projetos didáticos e sequências didáticas. Esse eixo de atuação do PNAIC de 2013, com enfoque na alfabetização e letramento em Língua Portuguesa, foi foco desta pesquisa no município de Castelo – ES, na formação de 2013, e teve a participação de 78 professores alfabetizadores.

O desenvolvimento deste estudo foi a partir de uma abordagem de investigação qualitativa, por meio dos seguintes instrumentos de coleta de dados: a análise documental (documentos de implementação, materiais e Cadernos de Formação do PNAIC de 2013 e atividades planejadas pelos professores e aplicadas aos alunos, como as sequências didáticas); entrevistas semiestruturadas com dez professoras alfabetizadoras que fizeram a formação do PNAIC, em 2013, uma das orientadoras de estudo do PNAIC em Castelo – ES e a coordenadora local do Pacto no município; anotações sistemáticas da pesquisadora durante a observação das reuniões de planejamentos semanais das professoras alfabetizadoras e pesquisa realizada sobre o PNAIC no banco de teses e dissertações da Pesquisa Alfabetização no Brasil, o estado do conhecimento (ABEC) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e da (CAPES).

É importante destacar que as entrevistas foram feitas em três etapas e, a partir da segunda e terceira entrevistas com as docentes, certificamos as recorrências citadas por elas, como a sequência didática e a “leitura deleite”, que se tornaram as categorias de análises do nosso trabalho.

Para a análise sobre a “leitura deleite”, tomaremos como embasamento teórico os estudos de: Leal, Albuquerque e Morais (2006); Nery (2006); Leal e Albuquerque (2010); Oliveira (2010); Paulino (2010 e 2014); Silva e Martins (2010; Brainer et. al. (2012); Cruz, Manzoni e Silva (2012a, 2012b); Ferreira, Rosa e Teles (2012); Leal e Pessoa (2012b); Magalhães et. al. (2012); Galvão (2014); Novais (2014) e a compreensão expressa nos depoimentos das professoras.

A “leitura deleite” como proposta de incentivo à leitura nas turmas do ciclo de alfabetização

O PNAIC propõe a “leitura deleite” como atividade permanente a ser realizada tanto pelo professor, como pelo aluno, individual ou coletivamente. Para Cruz, Manzoni e Silva (2012b, p. 25), “a ‘leitura deleite’ utilizando as estratégias de leitura – antes, durante e depois, pode ser uma leitura individual, dupla, coletiva ou protocolada – com continuidade no dia seguinte”, através da utilização dos livros do Plano Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE) e Plano Nacional do Livro Didático (PNLD – Obras Complementares).

Com a palavra leitura podem ser usados vários termos, tais como: leitura em voz alta, expressiva, protocolada, compartilhada, silenciosa, autônoma e coletiva, cada qual com funções diferentes, de acordo com o objetivo que se quer alcançar no processo de ensino e aprendizagem.

Verifica-se que o professor alfabetizador tem diversas possibilidades para trabalhar a “leitura deleite” nas turmas do ciclo de alfabetização, com estratégias que iniciam antes, durante a leitura e após. É importante destacar que a “leitura deleite” pode ser realizada em qualquer momento da aula e em espaços diversificados da escola, desde que seja planejada. Conforme destaca Seal (2012, p. 25), “além do deleite, o exercício individual da leitura propicia (...) o aprimoramento de estratégias de compreensão do que está sendo lido”.

A professora Jovana, do 1º ano, enaltece a importância de ler para os alunos, afirmando que “é necessário ler algo para as crianças, eu preciso ler algo pra elas. Ler por prazer de ler e passar isso para as crianças, que elas tenham o gosto pela leitura”.

Para Leal e Albuquerque (2010), a “leitura deleite”, também, é considerada leitura-fruição, podendo ser realizada pelo professor ou aluno. Essa atividade pode

envolver a leitura de um texto por dia ou contemplar a leitura de um livro maior, lido um pouco a cada dia. É importante, também, que o leitor – professor ou aluno – conheça o texto a ser lido e se prepare para a leitura de modo a poder envolver os alunos nessa atividade (LEAL; ALBUQUERQUE, 2010, p. 101).

A “leitura deleite” já havia sido sugerida aos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental em formação continuada do Pró-letramento que ocorreu anteriormente ao PNAIC. Leal e Albuquerque (2010) comentam que o Pró-letramento propôs a “leitura deleite” e era uma atividade bem aceita pelos professores que participavam do Programa.

A “leitura deleite”, além de ser discutida quanto à sua importância e possibilidade pedagógica, tem sido vivenciada por muitos professores

que participam do Programa Pró-Letramento. Nos encontros pedagógicos que vimos realizando no âmbito desse Programa, compartilhamos uma atividade de “leitura deleite” que tem envolvido diferentes gêneros, como contos, poemas, músicas, incluindo obras do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Essa atividade tem tido muito boa receptividade por parte dos professores que, de acordo com seus relatos, passam também a vivenciá-la com seus alunos (LEAL; ALBUQUERQUE, 2010, p. 99).

Ainda que a “leitura deleite” seja uma proposta pedagógica que o PNAIC sugere, nos Cadernos de Formação não verificamos uma discussão aprofundada sobre essa atividade permanente. Constatamos que o termo é apenas mencionado como atividade a ser desenvolvida em sala de aula e observamos nos relatos de professoras como elas colocam em ação essa proposta. Entretanto, as professoras pesquisadas demonstraram ter conhecimentos que ultrapassavam o que fora apresentado nos Cadernos de Formação.

Além da “leitura deleite”, o PNAIC propõe, também, outras atividades relacionadas à leitura, que podem ser inseridas na rotina de trabalho desenvolvida no ciclo de alfabetização, como a roda de leitura, a hora da leitura e o cantinho da leitura. No entanto, nos Cadernos de Formação não há nenhuma discussão sobre esses assuntos, apenas são citados.

Somente o *Caderno de Formação de Professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*, coordenado por Leal e Pessoa (2012b), traz um parágrafo abordando a “leitura deleite” para a formação dos professores alfabetizadores, com o objetivo de possibilitar o contato dos docentes com as obras literárias.

Essa estratégia é muito importante nos processos de formação de professores alfabetizadores, pois favorece o contato do professor com textos literários diversos. O momento da “leitura deleite” é sempre de prazer e reflexão sobre o que é lido, sem se preocupar com a questão formal da leitura. É ler para se divertir, sentir prazer, para refletir sobre a vida. Tal prática, no entanto, não exclui as situações em que se conversa sobre os textos, pois esse momento também é de prazer, além de ser de ampliação de saberes (LEAL; PESSOA, 2012b, p. 29).

A professora Janete, do 2º ano, destaca que “a ‘leitura deleite’ é o gosto pela leitura sem se cobrar nada: você conta a história, trabalha a capa, fala a biografia do autor, que a gente não tinha esse hábito, a gente falava ‘ah, o autor é fulano’, mas você não falava sobre ele” (JANETE, PROFESSORA DO 2º ANO).

Para Janete, a “leitura deleite” pode ser uma leitura pelo simples prazer de ler, sendo apreciada pelos educandos, sem a cobrança de uma atividade. Outro aspecto importante, na fala da professora, é a leitura da biografia do autor, que

antes da formação do PNAIC não era feita, podendo despertar nos alunos o interesse pela leitura de outros livros do mesmo autor, bem como a curiosidade por conhecer um pouco mais sobre ele, através da pesquisa.

Além da leitura somente com o objetivo de apreciar uma obra literária, o professor alfabetizador pode solicitar aos alunos a interpretação oral e escrita e, também, uma atividade conjugada com a sequência didática e o projeto pedagógico, ao introduzir uma atividade e durante aquelas que compõem essas modalidades de trabalho pedagógico.

Fernanda, professora do 1º ano, comenta, em relação à “leitura deleite”:

Eu já tinha essa prática de estar fazendo de forma agradável, ora com alguma cobrança, ora só pelo prazer mesmo e quando foi apresentado, no PNAIC, essa “leitura deleite” de forma bem prazerosa, que é aquele momento bem específico pra ela, a gente só acrescentou, não mudou muito (FERNANDA, DOCENTE DO 1º ANO).

Nota-se, na fala da professora, que, na sua prática docente, contar histórias para os alunos, de forma prazerosa, já era um hábito e que, com a formação do PNAIC, ela teve a oportunidade de agregar ações que antes não praticava e reforçou a prática e a importância da leitura no desenvolvimento da oralidade e da escrita dos discentes.

Janaina, docente do 2º ano, também deixa claro que já fazia a “leitura deleite”, praticamente, todos os dias:

Eu deixava um tempinho eles todos sentados no chão, lendo as histórias. Eles adoravam! Ficava tudo quietinho, cada um com seu livrinho lendo, na época que eu trabalhava em outra escola. Eu estava fazendo sem ter tanta informação. Aí com o PNAIC incentivou mais ainda (JANAINA, PROFESSORA DO 2º ANO).

A professora afirma que dedicava um tempo da aula, todos os dias, para a leitura individual dos alunos e que percebia um avanço na aprendizagem das crianças. Com o PNAIC, Janaina destaca que acrescentou alguns detalhes em que não atentava com frequência no momento da leitura, como mostrar a capa do livro, solicitar aos alunos que façam inferências sobre o que pensam que será abordado na história e ler o livro com ele virado para as crianças, de modo que possam ver as imagens.

Chama-nos a atenção de como os protocolos de leitura, tal como Chartier (2007) os denomina, fazem diferença na prática das professoras, ao introduzi-los na atividade de leitura.

No ciclo de alfabetização, as docentes, ao realizarem a “leitura deleite”, optam, na maioria das vezes, por fazerem a leitura em voz alta, mas isso não impede

que os alunos demonstrem interesse de ler para os colegas, também em voz alta. Galvão (2014, p. 171) esclarece que “a leitura em voz alta pode ser um importante instrumento para aproximar as crianças pequenas e os adultos em processo de alfabetização das lógicas do escrito”.

A leitura em voz alta, de acordo com Brainer et. al. (2012), pode ser uma leitura expressiva que atrai a atenção dos alunos, assim como uma leitura protocolada que estimula a antecipação e as inferências do que trata a obra literária ou o texto.

O professor assume o papel de leitor e, ao mesmo tempo, de mediador da discussão. (...) O professor, ao fazer uma leitura expressiva, empolgada do texto, motiva as crianças a participar da conversa e a desejar que outros textos sejam lidos. Assim, ressaltamos a importância dos textos literários. (...) Na leitura protocolada, o professor pode dizer o título do livro e/ou mostrar as imagens e perguntar como as crianças imaginam que a história vai ser. Depois que as crianças fizerem suas antecipações, pode ser realizada a leitura com pausas no meio do texto, em que é perguntado o que vai acontecer no episódio seguinte da história. Pode também ser feita uma parada antes do desfecho e pedir que as crianças imaginem o final da história e desenhem como será. Por fim, após a leitura do desfecho, podem ser feitas outras atividades em que as crianças emitam opiniões e extrapolem os sentidos do texto (BRAINER ET. AL., 2012, p. 17 e 18).

Os autores comentam sobre a importância da leitura expressiva e protocolada, que pode ser realizada no momento da “leitura deleite” pelo professor alfabetizador, despertando nos alunos o interesse e o prazer pela leitura, e dão dicas de como trabalhar essas leituras. É importante salientar que fica a critério do professor conduzir a “leitura deleite”, com escolhas de como realizá-la.

Com relação à leitura expressiva, Novais acrescenta:

É a leitura de textos poético-literários, na qual a criatividade da criança dialoga com a criatividade do escritor. Tal diálogo não só possibilita a ampliação das habilidades de compreensão, interpretação e produção de sentidos de textos, como também alcança o prazer da leitura (NOVAIS, 2014, p. 173).

Novais (2014) refere-se à leitura expressiva como a leitura de textos poético-literários, em que a criatividade é o ingrediente de destaque na relação entre o leitor e o escritor.

Em relação à leitura protocolada discutida por Brainer et. al (2012), Roberta, docente do 3º ano, afirma que, na “leitura deleite”, lê para seus alunos livros mais extensos de modo que possa fazer a leitura por partes, isto é, a leitura

protocolada, cada dia lendo um capítulo, com a finalidade de despertar nos alunos o interesse pela leitura, através da curiosidade do que acontecerá nos próximos capítulos e, também, um momento para eles fazerem inferências de como procederá a história.

A gente pega livro maior, aí todo dia é como se fosse a novela, lê um capítulo e eles fazem as deduções. A gente primeiro explora a capa, fala do autor. Eu leio hoje uma parte e pergunto “e amanhã o quê que vai acontecer nesse novo episódio?” Tipo novela, mesmo, pra levar essa questão da imaginação. Eles acabam se envolvendo muito com a leitura (ROBERTA, PROFESSORA DO 3º ANO).

Ainda se referindo à “leitura deleite”, realizada pelas professoras alfabetizadoras, Jovana, docente do 1º ano, destaca alguns conhecimentos que foram agregados à sua prática docente, após a formação recebida no PNAIC. Mesmo dizendo que já contava alguma história para os alunos, destaca o que diferencia em sua atuação no tempo presente:

Hoje eu leio com mais profundidade as histórias e vivencio aquilo que eu leio. Acredito ser interessante eu, professora, ler; às vezes, peço às crianças que venham à frente pra ler, também, mesmo sem saber ler, mas eles já conseguem olhar aquelas gravuras e contar e até dizem que estão lendo. Eu lia a história anteriormente e depois eu contava. Hoje não, eu leio e conto ao mesmo tempo a história, o que é diferente. Atrai a atenção e eu vou vivenciando tudo aquilo que eu estou lendo. Eu sempre falo pra eles que eu leio pra alguém, leio pra mim mesma, mas eu leio pra alguém. Quando eu leio pra alguém, é importante eu ler corretamente, pontuando, vivendo aquilo que estou lendo. Se tiver um som, eu tento fazer aquele som pra poder ficar mais interessante (JOVANA, PROFESSORA DO 1º ANO).

A professora Jovana destaca aspectos fundamentais no processo de aprendizagem inicial da leitura e da escrita, assim como Magalhães et. al. enfatizam que “ler para nossos alunos é prática fundamental para despertar o gosto e o desejo pela leitura” (2012, p. 8) e Cruz, Manzoni e Silva ressaltam que é importante considerar “o papel do professor como um modelo de ações, atitudes e expressões de um leitor mais experiente” (2012a, p. 10 e 11).

O professor alfabetizador, como mediador, tem como responsabilidade de leitor experiente proporcionar aos alunos do ciclo de alfabetização o contato constante com a leitura, assim como, através do incentivo à leitura e do ato de ler para os alunos, permitir que os educandos despertem o gosto e o prazer por ler diferentes textos e obras literárias, com suportes diversificados.

Para Leal, Albuquerque e Morais,

A leitura do texto literário é fonte de prazer e precisa, portanto, ser considerada como meio para garantir o direito de lazer das crianças e dos adolescentes, (...) promove no ser humano a fantasia, conduzindo-o ao mundo do sonho; possibilita, ainda, que os valores e os papéis sociais sejam ressignificados, influenciando a construção de sua identidade (...), promove a motivação para que crianças e adolescentes aprendam a ler e possibilita inseri-los em comunidades de leitores (LEAL; ALBUQUERQUE; MORAIS, 2006, p. 72).

Os autores destacam, na citação acima, as possibilidades e as vivências que a leitura literária permite ao leitor, principalmente às crianças, despertando o interesse por outras leituras e motivação para apreciarem diferentes obras literárias.

Corroborando com Leal, Albuquerque e Morais (2006) e acrescentando outras reflexões sobre a obra literária, Oliveira afirma que essa “recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o por intermédio do ponto de vista do narrador ou do poeta e manifesta no fictício e na fantasia um saber sobre o mundo, oferecendo ao leitor modos de interpretá-lo” (OLIVEIRA, 2010, p. 41). Além disso, “o livro literário promove a socialização, a informação, a formação de opinião e o desenvolvimento da capacidade criadora e inventiva sobre temáticas dos mais variados contextos” (OLIVEIRA, 2010, p. 51).

Considerando a importância da literatura na formação de leitores e, diante do fato de que grande parte das crianças só tem acesso às obras literárias na escola, na maioria das vezes, pela leitura que o professor faz na sala ou por incentivo do próprio docente, o PNAIC propôs a “leitura deleite”.

Leal e Albuquerque (2010) afirmam que as experiências leitoras somente são ampliadas quando a escola oferta e estimula os alunos a ler textos literários de diferentes temas, gêneros e autores. E Paulino (2010) e Cosson (2011) defendem que a escola é um espaço onde o aluno deve aprender a extrapolar os limites de entretenimento que a leitura literária proporciona.

Ao se referir à leitura literária, Paulino explica:

A leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se inventam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções. (...) a mediação docente que não reprima, mas incite a imaginação de cada aluno no pacto com o texto, constitui um componente essencial do processo escolarizado de leitura literária (PAULINO, 2014, p. 177 e 178).

Sem querermos ser pretensiosos, talvez, possamos dizer que a “leitura deleite”, sugerida pelo PNAIC, se aproxima da definição de leitura literária proposta por Paulino (2014), já que o prazer pela leitura é uma condição tanto para a “leitura deleite”, como para a leitura literária. É importante destacar que, através do PNAIC, foram disponibilizadas diversas obras literárias com a finalidade de trabalhar a leitura, a oralidade, a escrita, a interpretação, a apreensão de novos conhecimentos pelos alunos e, tão importante quanto os demais, também proporcionar o gosto pela leitura.

As obras literárias, conforme propõe o PNAIC, tanto podem ser utilizadas na “leitura deleite”, como nas sequências didáticas e projetos didáticos. As autoras Ferreira, Rosa e Teles (2012) defendem a utilização das obras literárias no processo de ensino dos conteúdos que integram o currículo das áreas do conhecimento e enfatizam que a literatura, ao ser utilizada como meio para se trabalhar determinados conteúdos, não simplifica sua funcionalidade, bem como não minimiza as possibilidades e a vivência que ela proporciona no leitor. As autoras afirmam que

Propor que a literatura se integre ao ensino dos diferentes componentes curriculares não significa reduzir a leitura literária a um mero desencadeador temático de algum conteúdo escolar e sim aproveitar a densidade e a riqueza do acervo literário para agregar conhecimentos e novos olhares sobre o que está sendo estudado (FERREIRA; ROSA; TELES, 2012, p. 17).

Verifica-se, na fala da professora Janaina, do 2º ano, o interesse dos educandos pela leitura, incentivado com a “leitura deleite”: “eles adoram, eles ficam esperando, aí tem dia que eles trazem livros, falam: ‘tia, conta o meu hoje’, todo dia tem um aí com livro pra eu contar” (JANAINA, DOCENTE DO 2º ANO). A docente Luiza, do 1º ano, também declara que os alunos pedem para que ela leia algum livro que eles gostam, assim como levam livros de casa para serem lidos na sala: “eles pedem, eles trazem livros quando têm em casa” (LUIZA, PROFESSORA DO 1º ANO). Oliveira ressalta que “a busca de leitura prazerosa não exclui a aquisição de conhecimento, pois jamais deixa de trazer informações ao leitor” (OLIVEIRA, 2010, p. 42).

Beatriz, professora do 3º ano, comenta que faz a “leitura deleite” no início da aula e que no dia da entrevista havia terminado de fazer a leitura do livro *Diário de um banana*, em que ela foi contando por partes, um capítulo cada dia, já que é um livro mais extenso para ser lido em apenas um dia.

A mediação da leitura do livro literário, conforme sugestão na formação do PNAIC, começa pela capa, com a leitura, observação e interpretação por parte dos alunos e conduzidas pelas docentes, e a leitura da biografia do autor. Durante a leitura do livro, a professora mostra as imagens, faz os questionamentos que considera relevantes e ouve as opiniões dos educandos.

Eu inicio, geralmente, a minha aula com uma leitura para deleite. Hoje eu finalizei um livro. Eles gostam muito. Quando é um livro pequeno, eu costumo, às vezes, sentar em rodinha ou, às vezes, eles estão na cadeira, não é sempre a mesma coisa, não é sempre da mesma forma, mas como eu peguei, agora, um livro grande, que eles são obcecados pelo *Diário de um banana*, então eu fui lendo capítulos a cada dia e aí eu vou questionando no decorrer da história, se tiver imagens eu mostro. Primeiro eu trabalho a capa do livro e o autor e, à medida que eu vou contando a história, eu vou explorando a história, vou fazendo perguntas no meio da leitura (PROFESSORA BEATRIZ DO 3º ANO).

Dessa forma, a docente relata como realiza a “leitura deleite” com seus alunos e esclarece como desenvolve o processo de mediação da leitura. Silva e Martins afirmam:

O papel do professor e de outros mediadores da leitura é fundamental desde o momento da seleção dos textos e materiais de leitura – em diferentes suportes (...) e numa diversidade de gêneros (...). O planejamento da leitura e (...) a organização do tempo pedagógico para as atividades de leitura são peças-chave para o bom resultado do trabalho do professor (SILVA; MARTINS, 2010, p. 33).

Silva e Martins (2010) esclarecem que, para o bom aproveitamento da leitura pelos alunos, é importante que o professor alfabetizador, sendo mediador do processo de leitura, selecione adequadamente os textos e os livros que serão utilizados, planeje a leitura, o tempo e o espaço onde será realizada.

Oliveira explica:

A mediação do professor implica deixar as obras literárias, com temas enriquecedores, ao alcance das crianças, para diferentes interpretações (...). Em suas mediações, o professor pode usar estratégias para deixar brotar a sensibilidade dos pequenos leitores (OLIVEIRA, 2010, p. 46).

Oliveira (2010) remete às estratégias, citando a dramatização, que, na medida do possível, é utilizada pelas professoras alfabetizadoras entrevistadas, no momento da “leitura deleite”. A autora enfatiza, ainda, que a prática do professor alfabetizador de ler e contar histórias para os alunos contribui para a motivação e o entendimento da obra literária pela criança.

Edna, professora do 2º ano e orientadora do PNAIC em Castelo – ES, esclarece que a mediação do professor alfabetizador, no momento da leitura de um livro literário, é importante para que os alunos atinjam o objetivo proposto e afirma que, na formação continuada, era colocado para os professores como eles teriam

que trabalhar a leitura de uma obra literária em sala de aula, conforme o que propunha o PNAIC; todavia a forma como o professor trabalha a leitura com os alunos, o saber fazer é de cada um.

O mais importante é a mediação do professor, porque sem a mediação o aluno, às vezes, não chega no ponto que a gente quer chegar, que a gente gostaria que ele chegasse. A intervenção, o papel dessa mediação é de suma importância. Na formação, a gente colocava a função do professor, como que ele poderia fazer uma mediação num determinado livro, porém se eu pegar um livro e você pegar, eu vou ter um olhar, você vai ter outro. Então, cabe a cada professor ter aquela visão, pegar aquele gancho (EDNA, ORIENTADORA DO PNAIC EM CASTELO – ES E PROFESSORA DO 2º ANO).

A professora Beatriz evidencia que possibilita o contato dos alunos com a leitura, principalmente, de três formas: através da “leitura deleite” feita todos os dias, ou seja, geralmente, no início da aula, ela lê para os alunos; a leitura na biblioteca da escola, isto é, em um dia da semana, os alunos vão à biblioteca escolherem um livro para levarem para casa e fazer a leitura; e o cantinho, mencionado pela docente, referindo-se ao cantinho da leitura feito na sala de aula com os livros de literatura da caixa do PNAIC, disponibilizados pelo Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE), em que ela deixa um tempo da aula para eles ficarem nesse espaço, lendo, e, conforme os alunos vão terminando as atividades, eles, também, podem ler um livro do cantinho. É importante mencionar que esse espaço, organizado pelos professores na sala de aula, denominado *cantinho da leitura*, foi proposto pelo PNAIC, para que os livros de literatura disponibilizados pelo Programa fiquem na sala, à disposição dos educandos. Em relação ao cantinho da leitura, na maioria das vezes, o aluno faz, nesse espaço, dentro da sala de aula, a leitura autônoma e individual, isto é, em que a criança lê sozinha.

Todo dia nós temos a leitura para deleite, então eu escolho um livro, eu leio para eles. Tem dia da semana que tem o momento da leitura. Além de ir na biblioteca, eu deixo eles no cantinho lendo um pouquinho e tem a questão que quem termina primeiro fica à vontade para ir lá, a caixa está lá com todos os livros, eles pegam e vão lendo. Pelo menos os meus, eu sempre incentivo, todos terminam de fazer a atividade, eles vão pegar o livro pra ler (PROFESSORA BEATRIZ DO 3º ANO).

A professora Edna, do 2º ano, menciona que costuma fazer a “leitura deleite” de acordo com o assunto, tema ou conteúdo que será trabalhado naquele dia. Como as turmas do 2º ano, no dia da entrevista, estavam fazendo o que elas denominam de sequência didática sobre *O Sítio do Picapau Amarelo*, no momento

da “leitura deleite”, as docentes liam fábulas escritas por Monteiro Lobato: “eu estou lendo o livro *Fábulas*, ele tem várias histórias do sítio, cada dia a gente lê uma história desse livro” (EDNA, DOCENTE DO 2º ANO E ORIENTADORA DO PNAIC EM CASTELO – ES).

Sendo assim, contata-se, no discurso da professora, que a “leitura deleite” era um momento propício para realizar a leitura de alguma obra literária que estava sendo trabalhada nas atividades de sequência didática, isto é, a junção de duas propostas pedagógicas feitas pelo PNAIC em torno dos livros de literatura.

Edna, também, destaca:

O dia de trabalhar História, Geografia e Ciências, pego uma obra literária que se encaixa com o tema que será abordado na aula. Quero trabalhar algum conteúdo de Matemática, na minha “leitura deleite”, então, eu já pego um livro que enfoca aquele conteúdo matemático. A gente vai diversificando (EDNA, PROFESSORA DO 2º ANO E ORIENTADORA DO PNAIC EM CASTELO – ES).

Dessa forma, verifica-se que a docente, no momento da “leitura deleite”, escolhe livros de literatura ou obras complementares disponibilizadas pelo PNAIC para ler para os discentes, de acordo com o assunto que será abordado em alguma das disciplinas a ser trabalhada no dia.

Leal e Albuquerque esclarecem:

A inserção da literatura em sala de aula não pode ser algo ocasional, acidental e nem pode fazer parte de um preenchimento de tempo sem intencionalidade. O professor precisa realizar atividades constantes, planejadas, em que os estudantes tenham acesso ao texto literário, mas possam também refletir coletivamente sobre tais textos, e que esses possam ser modelos de escrita para outros textos (LEAL; ALBUQUERQUE, 2010, p. 101).

Sendo assim, verifica-se que é importante o planejamento das leituras, assim como são planejadas as demais atividades pedagógicas desenvolvidas nas turmas de alfabetização, com objetivos e metas esclarecidas, mesmo que seja a leitura de uma obra literária pelo simples prazer de ler.

A professora Beatriz, do 3º ano, enaltece que, com o PNAIC, passou a conhecer mais obras de literatura infantil, começou a focar mais na leitura de obras literárias, já que, anteriormente, alega que “tomava” a leitura dos alunos, através de textos que passava no quadro, com o objetivo de averiguar como os alunos estavam lendo e agora percebeu a importância da interpretação oral feita pelos alunos, através da “leitura deleite”.

Antes eu não conhecia tantos livros infantis como eu conheço agora. Eu tenho uma bagagem muito maior, porque realmente antes do PNAIC a gente trabalhava muito pouco, a gente nem focava na leitura mesmo, focava na leitura do quadro, aquela leitura que um lê atrás do outro, aquela sequência que você está tomando a leitura pra você ver como que o menino está. O PNAIC abordou muito essa questão do interpretar da criança, mesmo que seja oralmente e não por escrito, mesmo que ele tenha mais dificuldade em fazer por escrito, mas se ele consegue interpretar oralmente aquela história (BEATRIZ, DOCENTE DO 3º ANO).

Beatriz evidencia a contribuição que a formação do PNAIC proporcionou à prática dos professores alfabetizadores, no que tange ao trabalho com a leitura. Além disso, de acordo com a docente, o PNAIC possibilitou conhecer diferentes obras literárias e reler as conhecidas com um olhar diferente sobre a abordagem que pode ser realizada no momento da leitura.

Para Nery, a leitura diária é o momento que o docente lê para os alunos, ajudando a ampliar o repertório dos leitores iniciantes.

É possível, por exemplo, ler uma história longa em capítulos, como se liam os folhetins, como se acompanha uma novela na TV, mas também se pode ler histórias curtas, como fábulas, crônicas, etc. Ou ler poemas, com muita expressividade, enfatizando aqueles cuja sonoridade das palavras, cujo jogo verbal são as tônicas da construção poética. (NERY, 2006, p. 113).

Em relação à roda semanal de leitura, outra possibilidade de se trabalhar a leitura, Nery esclarece que é quando as próprias crianças escolhem os livros de literatura, textos ou gibis que desejam ler na sala de aula e trocam ideias com os colegas sobre o que leram. “São leitores influenciando leitores. São leitores compartilhando leituras” (NERY, 2006, p. 113). Para Oliveira (2010), a roda de leitura, através da leitura compartilhada entre alunos e professor, é um importante instrumento mediador na formação do leitor literário infantil.

Nas discussões sobre leitura e, de modo particular, sobre a leitura literária, percebemos que são diversas as possibilidades de se ler um livro de literatura ou texto nas turmas de alfabetização. Todavia, temos conhecimento de que, como toda atividade na escola precisa ser planejada, a leitura tem que ser pensada e organizada para que as crianças apreciem com prazer e interesse o que está sendo lido ou contado.

Dessa forma, entendemos que o PNAIC, ao disponibilizar para professores e alunos uma diversidade de obras literárias, que ficam na sala de aula e podem ser utilizadas na leitura individual ou coletiva e, através do processo de mediação do professor, com o planejamento adequado da leitura, possibilitou aos alunos

um contato maior com a literatura e a leitura que antes, talvez, não acontecia. Além disso, a formação do PNAIC, ao propor a “leitura deleite”, permitiu que tanto alunos como professores tivessem um contato maior com obras literárias, algumas conhecidas, outras tantas a serem apreciadas.

Conclusão

Os resultados desta pesquisa demonstraram como a formação continuada é necessária aos professores, pois cada um tem um processo, um tempo necessário para o seu entendimento e colocá-lo em prática. As falas das professoras foram muito reveladoras nesse sentido, muitas disseram que já conheciam, aplicavam intuitivamente atividades de leitura, entretanto não detinham o conhecimento – arcabouço teórico – de que se tratava de leitura deleite. Mais do que conhecer, foi a importância de elas se prepararem para realizar tais atividades e o prazer que estas lhes causavam e, conseqüentemente, isso se reflete nos alunos.

Negar o direito do professor de aprender, de se formar durante a sua atuação é querer distanciar o professor dos conhecimentos produzidos, de calar as suas angústias, de negar o diálogo com seus pares, a socialização dos conhecimentos em diferentes espaços, seja na sala de aula, na universidade, na sociedade em geral. Um Programa Nacional como o PNAIC conseguiu articular esses diferentes espaços e deu vozes aos diferentes atores. O que destacamos aqui foi uma pequena amostra, em um pequeno município do Estado do Espírito Santo, mas sabemos que, assim como ocorreu em Castelo, o mesmo aconteceu em milhares de municípios brasileiros, portanto, a formação continuada deve ser um direito adquirido a todos os professores alfabetizadores de nosso país.

Referências

BRAINER, Margareth et. al. **Que brincadeira é essa? E a alfabetização?** In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: caderno ludicidade na sala de aula: ano 1, unidade 4. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, p. 14 – 21, 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_1_Unidade_4_MIOLO.pdf> Acesso em: 13 out. 2015.

CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita – história e atualidades**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COSSON, Rildo; PAIVA, Aparecida. O PNBE, a literatura e o endereçamento escolar. Remate de Males. Campinas-SP, (34.2): p. 477-499, Jul./Dez. 2014. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/4207/4931>. Acesso em: 31 ago. 2016.

CRUZ, Magna do Carmo Silva; MANZONI, Rosa Maria; SILVA, Adriana M. P. da. **Planejamento no ciclo de alfabetização: objetivos e estratégias para o ensino relativo ao componente curricular – Língua Portuguesa.** In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: caderno a organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização na perspectiva do letramento: ano 2: unidade 2. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, p. 6-15, 2012a. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_2_Unidade2_MIOLO.pdf> Acesso em: 23 jan. 2015.

CRUZ, Magna do Carmo Silva; MANZONI, Rosa Maria; SILVA, Adriana M. P. da. **Rotinas de alfabetização na perspectiva do letramento: a organização do processo de ensino e de aprendizagem.** In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: caderno a organização do planejamento e da rotina no ciclo de alfabetização na perspectiva do letramento: ano 2: unidade 2. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, p. 16-26, 2012b. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_2_Unidade2_MIOLO.pdf> Acesso em: 27 mar. 2015.

FERREIRA, Andréa Tereza Brito; ROSA, Ester Calland de Sousa; TELES, Rosinalda. **A literatura, o brincar e o aprender a língua e outros conteúdos curriculares.** In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: caderno vamos brincar de reinventar histórias: ano 3, unidade 4. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, p. 16 – 27, 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_3_Unidade_4_MIOLO.pdf> Acesso em: 03 ago. 2015.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Leitura em voz alta. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Ferreira da Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). **Glossário Ceale:** Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. UFMG/CEALE, p. 171-172, 2014.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; MORAIS, Artur Gomes de. **Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica.** In: Brasil. Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, p. 69-83, 2006.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Literatura e formação de leitores na escola. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; COSSON Rildo (Coord.). **Literatura: Ensino Fundamental.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Coleção Explorando o Ensino, v. 20, p. 89-106, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7841-2011-literatura-infantil-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 06 jan. 2015.

LEAL, Telma Ferraz; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: formação do professor alfabetizador: Caderno Formação de Professores no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012b. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Formacao_de_professores_MIOLO.pdf> Acesso em: 17 mar. 2015.

MAGALHÃES, Luciane Manera et. al. **Planejamento do ensino: alfabetização e ensino/aprendizagem do componente curricular – Língua Portuguesa**. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: caderno planejamento escolar: alfabetização e ensino da língua portuguesa: ano 1: unidade 2. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, p. 6-16, 2012. Disponível em: < http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_1_Unidade_2_MIOLO.pdf> Acesso em: 15 ago. 2015.

NERY, Alfredina. Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (orgs.). **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, p. 109-134, 2006.

NOVAIS, Carlos Augusto. Leitura expressiva. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Ferreira da Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). **Glossário Ceale**: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. UFMG/CEALE, p. 173, 2014.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. O professor como mediador das leituras literárias. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; COSSON, Rildo (coords.). **Literatura: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Coleção Explorando o Ensino, v. 20, p. 41-54, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7841-2011-literatura-infantil-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 23 out. 2015.

PAULINO, Graça. Saramago na pedagogia: leitura literária e seu uso docente. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

PAULINO, Graça. Leitura literária. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Ferreira da Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). **Glossário Ceale**: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. UFMG/CEALE, p. 177-178, 2014.

SEAL, Ana Gabriela de Souza. **O tratamento da heterogeneidade de conhecimentos dos aprendizes no segundo ano do ciclo de alfabetização**. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: caderno a heterogeneidade em sala de aula e os direitos de aprendizagem no ciclo de alfabetização: ano 2, unidade 7. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, p. 16-26, 2012. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/Ano_2_Unidade_7_MIOLO.pdf> Acesso em: 23 jun. 2015.

SILVA, Márcia Cabral da; MARTINS, Milena Ribeiro. Experiências de leitura no contexto escolar. In: PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; COSSON, Rildo (coords.). **Literatura: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Coleção Explorando o Ensino, v. 20, p. 23-40, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7841-2011-literatura-infantil-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 23 jan. 2015.